



O (A) PROFESSOR (A) DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL I: CONCEPÇÕES SOBRE AS RELAÇÕES DE GÊNERO E SUAS IMPLICAÇÕES NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Waldilson Duarte Cavalcante de Barros

Kleber de Araújo

Universidade Federal da Paraíba

waldilsonduarte@hotmail.com

RESUMO: O presente artigo tem como objeto de estudo as relações de gênero que são construídas na escola entre os atores sociais discentes e docentes. Assim, tivemos como questão de pesquisa: quais as concepções que os (as) professores (as) dos anos iniciais do ensino fundamental I de uma escola pública municipal de Alagoa Grande – Paraíba têm sobre as relações de gênero e suas implicações no processo ensino e aprendizagem? Partindo desta questão norteadora elencamos como objetivos conhecer as concepções dos docentes sobre as relações de gênero e saber como essas relações podem interferir ou contribuir no processo ensino e aprendizagem. No tocante ao aporte teórico nos reportamos a Louro (2014), Carvalho (1999), Scott (1990), dentre outros. Como coletas de dados foram utilizadas entrevistas e um questionário com perguntas abertas e fechadas. Portanto, este trabalho oportunizou aos docentes de uma escola pública municipal de Alagoa Grande – Paraíba, uma reflexão sobre suas práticas diante da categoria de gênero na escola. Percebeu-se que as relações de gênero interferem no processo ensino e aprendizagem a partir do momento que não tenha um trabalho diferenciado diante das nuances próprias de cada gênero que compõe a sala de aula.

Palavras-chave: Professores (as) do ensino fundamental I, Relações de gênero, Ensino, aprendizagem.

INTRODUÇÃO

O contexto da sociedade contemporânea nos apresentam várias problemáticas que interferem de maneira direta e indireta no nosso modo de ser, viver e estar no mundo. Assim, esses problemas que enfrentamos acabam contribuindo para o

sucesso ou fracasso das ações que a escola desenvolve no seu interior.

Com relação ao processo ensino e aprendizagem, verifica-se que as relações que os (as) alunos (as) constroem na escola a partir das interações efetuadas acabam gerando reflexos e efeitos dos fenômenos que



surtem da sociedade em que vivemos. Assim, cabe ao docente aproveitá-las e desenvolver na sala de aula de forma que haja uma ressignificação no processo ensino e aprendizagem.

Diante dessas problemáticas percebemos que as instituições sociais acabam sofrendo com os seus reflexos. E a escola por ser um local privilegiado de formação de conhecimentos, habilidades, atitudes, é um local de vida, prazer, interações, socializações e trocas de experiências que acabam repercutindo no seu interior.

Conforme a dinâmica colocada em prática pelas escolas de forma geral, as relações que são construídas pelos atores educacionais são desenvolvidas de forma diversificada e refletem em especial no processo educacional.

Assim, este artigo parte do princípio de que categoria de gênero precisa ser discutida no ambiente escolar, para que os atores sociais, em especial os docentes, possam compreender essas relações permeadas pelo gênero, entendendo o que são relações de gênero e suas implicações no processo ensino e aprendizagem.

Construir este trabalho nos oportunizou fazer uma reflexão da nossa prática no intuito de conhecermos os elementos que são norteadores para a

condução de uma prática pedagógica que esteja a serviço da igualdade, promoção da vida, do direito à educação, numa perspectiva de inclusão e não de exclusão.

Portanto, consideramos este trabalho de grande relevância para o contexto educacional como também por oportunizar através desta pesquisa outros estudos, que por ventura tratam sobre as questões de gênero, inclusive na escola, para a condução do desenvolvimento de aprendizagens significativos de nossos (as) alunos (as).

REFERENCIAL TEÓRICO

As sociedades estabelecem modelos de conduta específicos e distintos para as pessoas em função do seu sexo. Isso tem determinado estereótipos rígidos a respeito do que é ser homem ou mulher. O uso do conceito de gênero relativiza e questiona essa determinação, distinguindo a dimensão biológica dos atributos culturais de cada um dos sexos. Neste sentido percebemos que o gênero enfatiza a perspectiva relacional e a escolha cultural na construção das várias formas de ser homem e mulher.

Assim, a escola por ser um local privilegiado de formação de conhecimentos, habilidades, atitudes, é uma local de vida, prazer, interações, socializações e trocas de experiências. Logo, frente a essas questões a categoria de gênero precisa ser discutida no



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

ambiente escolar, para que os atores sociais, em especial os docentes, possam compreender essas relações de forma que estejam aptos a construir conhecimentos sobre as relações de gênero e suas implicações no processo ensino e aprendizagem.

Então, nessa perspectiva a nossa questão de pesquisa objetiva investigar quais as concepções que os professores dos anos iniciais de uma escola pública municipal de Alagoa Grande – Paraíba tem sobre as relações de gênero dentro da sua atuação docente e como essas questões interferem ou contribuem no processo de ensino e aprendizagem?

Assim, a maneira como nos entendemos como sujeito sexual está entrelaçada com a maneira como também nos entendemos como homens e mulheres, já que como explica Butler(1987):

O gênero é um modo de existir o próprio corpo, e esse corpo é uma situação, um campo de possibilidades a um tempo recebidas e interpretadas, então o gênero e sexo parecem ser questões inteiramente culturais”. (p.145).

Portanto, podemos observar que essas instâncias, relações de gênero e sexualidade, emergem de nosso cotidiano, como exemplo, a escola. Nesse contexto, pensamos que as concepções que os professores possuem sobre relações de gênero e, conseqüentemente, sexualidade fazem parte das relações

pedagógicas, ou seja, da forma como conduzem esses assuntos e também como se posicionam sobre esses temas.

Assim, utilizando-se Louro (2003), concordamos com a ideia de que “[...] as formas adequadas de fazer, de meninos e meninas, homens e mulheres ajustados/as aos padrões das comunidades pressupõem uma tensão redobrada sobre aqueles e aquelas que serão seus formadores e formadoras”. (p. 106)

Neste prisma, fica comprovada que na observância do cotidiano da escola frente aos formadores e formadoras dos alunos (as) é perceptível a diferenciação nas relações sociais entre meninos e meninas, como por exemplo, em atividades propostas na sala ou então no intervalo da aula.

Com base nestas informações aos poucos vão sendo constituídas e reforçadas por visões enraizadas e tidas como naturais, envolvendo a desigualdade nas relações de gênero.

Segundo Auad (2006), Quando começamos a considerar as relações de gênero como socialmente construídas, percebemos que uma série de características consideradas “naturalmente” femininas ou masculinas corresponde às relações de poder. Essas relações vão ganhando a feição de “naturais” de tanto serem praticadas, contadas, repetidas e recontadas (p. 19).



Nesta perspectiva, é importante ter presente que

[...] não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico (LOURO, 2008, p. 21).

Diante do exposto, Connel (1995) contribui afirmando que,

toda cultura tem uma definição da conduta e dos sentimentos apropriados para os homens. Os rapazes são pressionados a agir e a sentir dessa forma e se distanciar do comportamento das mulheres, das garotas e da feminilidade, compreendidas como o oposto (p. 190).

Nesse sentido, de acordo com Auad (2006, p. 39),

as diferenças entre meninas e meninos certamente não são naturais. Meninas que aparentam meiguice ou meninos que falam aos gritos são resultantes do modo como as relações de gênero foram construídas na nossa sociedade ao longo do tempo (p. 39).

Portanto, pode-se perceber mediante a citação da professora Auad (2006), que o comportamento diferenciado de meninas e meninos é aceito como natural, ou seja, não há um questionamento se isto sempre foi assim, ou se pode ser mudado; ao contrário, se trabalha com o fato de este comportamento ser normal e de existirem diferentes formas de aproveitamento escolar em decorrência destes.

Logo, a escola é um espaço importante para se aprofundar este debate, assim como

ainda continua sendo um mecanismo de manutenção da “ordem estabelecida”.

Por isso, segundo Carvalho (1999):

Proporcionar espaços de formação, de leitura e discussão, pode ser um importante passo para a aproximação da igualdade entre homens e mulheres. A escola, de modo especial, poderá contribuir para que isto de fato se concretize “à medida que caminhar na direção de uma educação não-sexista, que contribua para a superação de preconceitos e para a construção de pessoas comprometidas com a igualdade de direitos entre os sexos (p. 21)

PERCURSO METODOLÓGICO

A pesquisa foi desenvolvida a partir de um estudo teórico que teve o intuito de conhecer o objeto de estudo na sua amplitude. O próprio estudo nos conduziu para que pudéssemos escolher a abordagem mais apropriada de pesquisa e, assim, nos guiasse em busca de nossos objetivos.

Neste sentido esta investigação foi fundamentada numa abordagem qualitativa, pois de acordo com os nossos objetivos ela contempla o meio para a concretização da investigação.

Assim, como o foco da pesquisa foi investigar quais as concepções que os professores dos anos iniciais do ensino fundamental I de uma escola pública municipal de Alagoa Grande – Paraíba tem sobre as relações de gênero dentro da sua atuação docente e como essas questões interferem ou contribuem no processo de ensino e aprendizagem, foi de suma



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

importância a pesquisa qualitativa, pois trabalhamos com as percepções dos professores(as) sobre o objeto em estudo considerando as informações coletados de forma fiel as respostas dadas.

O nosso lócus de pesquisa foi uma escola da rede municipal do interior da Paraíba localizada no município de Alagoa Grande, cuja razão social é a Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Instituto desembargador Severino Montenegro.

O público alvo que contribuiu com nossa investigação foram professores (as) que lecionam nos anos iniciais do ensino fundamental I, ou seja, do 1º a 5º anos de uma escola pública municipal de Alagoa Grande-Paraíba. Para efeito de análise contamos com 2 docentes que foram os nossos colaboradores para a concretização dos nossos objetivos.

Com relação aos instrumentos para coleta dos dados forma utilizadas entrevistas e um questionário com perguntas abertas e fechadas. Esses instrumentos utilizados tiveram a finalidade de conhecer o perfil dos docentes, como também extrair dos docentes as suas concepções sobre as relações de gênero na escola e suas implicações no processo de ensino e aprendizagem.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com os dados coletados via as entrevistas, tivemos as respostas referentes ao questionário que foi composto de duas partes: A primeira referente aos dados pessoais frente às questões do sexo, idade, formação acadêmica, tempo de serviço, série que leciona dentre outros pontos e, a segunda, esteve direcionada as questões abertas frente ao objeto de estudo que foi sobre as relações de gênero.

Dos sujeitos entrevistados tivemos dois docentes: uma professora e um professor. Com relação à faixa etária giram em torno de 30 anos e 45 anos. Ambos têm curso superior em Pedagogia. São especialistas. A professora em Inclusão Escolar e o professor em Psicopedagogia. Os docentes exercem sua docência a mais de 17 anos, com atuação nos anos iniciais do ensino fundamental I. A professora é casada e ensina no turno da manhã e o professor é solteiro e ensina no turno da tarde.

Para efeito de análise dos dados realizamos através de dois momentos: a relação dos professores (as) com os (as) alunos (as) e as relações das características dos alunos e alunas na sala de aula como mostra os resultados a seguir:

Relação dos professores (as) com os (as) alunos (as):



Com relação a esta questão o professor que foi entrevistado declara que mantém uma relação harmônica com seus alunos e alunas. Contudo, ele afirma que mesmo tratando todos (a) de uma forma igualitária percebe que não consegue ter um retorno dessas relações por parte de alguns e algumas.

O professor relatou que a prática pedagógica desenvolvida na sua sala de aula acontece de forma que não segrega meninos e meninas frente às atividades. Ele declarou que trabalha dessa forma para que todos (as) os (as) alunos (as) possam interagir dentro da sala de aula, no intuito de ensinar que o grupo classe tem que viver suas relações de forma harmônica mediante um clima favorável a aprendizagem em que ambos possam sentirem importantes no meio escolar contribuindo com suas singularidades.

Diante do exposto acima, trago como justificativa um fragmento da fala do professor sobre essa questão:

Professor 4º ano: Por ser um professor homem ensinando a criança de uma turma de 4º ano trato todos (as) de forma igual sem fazer alusão ao ser menino ou ao ser menina. Com isso, tenho um retorno muito bom de ambos os sexos. Tanto meninos e meninas me abraçam, me beijam nem todos (as), mas acabo tendo uma relação muito boa de: abraços, aperto de mão, cumprimento boa tarde, até logo, até amanhã, tchau. São muito atenciosos e atenciosas apesar que tem aqueles e aquelas que são mais tímidos (as), mas mesmo assim se sentem à vontade nessas relações.

Já com relação ao depoimento da professora do 3º ano, declara possuir um bom relacionamento com seus (as) alunos (as). Também afirma que trabalha de uma forma coletiva em que todos (as) se sintam sujeitos do processo ensino e aprendizagem, diante da sua importância como alunos (as).

Referente à organização das atividades em sala de aula a professora tem dificuldade de organizar os grupos. Alguns alunos não gostam de trabalhar com meninas, preferem fazer as atividades com os meninos. A professora não detecta nenhum problema que venha dificultar as relações entre os pares. Na fala da professora as meninas são mais educadas e conseguem se desenvolver mais em algumas disciplinas, principalmente em português, do que em matemática. Ela ainda afirma que tem alunos educados e conseguem fazer também a diferença em português e matemática.

Em linhas gerais, na fala da professora fica comprovado que as relações de gênero nesta turma são permeadas em diversas situações nos trabalhos em grupos, nos comportamentos e desempenho nas disciplinas escolares. Assim, fica notório que sempre há um desafio para vencer essas situações de forma que não venha interferir no processo ensino e aprendizagem e, se por ventura vier a interferir, precisa conduzir estratégias para minimizar essas situações



adversas, de forma que as singularidades dos gêneros sejam respeitadas e não ignoradas.

Relação das características dos alunos e alunas na sala de aula

O professor do 4º ano afirma que sua turma tem firmado relações de gênero positivas mesmo diante das questões que foram elucidadas anteriormente. Alunos gostam de interagir outros não. Um ponto que ficou notório na fala do professor é referente ao empréstimo de material na sala de aula. Nesse ponto não há uma separação, ambos trocam os seus materiais. Outro aspecto a ser considerado sobre esta questão é a forma do tratamento entre os alunos e alunas. Como o professor tem alunos numa faixa etária de 9 a 13 anos, na fase pré-adolescência percebe um tratamento de alguns meninos com meninas no tocante ao estarem pertos mantendo-se em diálogos. Acredita-se nesse comportamento em aguçar a sexualidade própria dessa fase.

Outra questão é com relação às brincadeiras que o professor desenvolve na sala de aula. Ele afirma que não tem nenhuma dificuldade de manter só as meninas e nem só os meninos. Conclui que flui de forma tranquila. Diante, dessa realidade, percebe-se que muitos alunos (as) querem ficar nos grupos dos mais inteligentes, pois o professor trabalha com debates. Nesses casos muitos

não querem deixar de participar dessa atividade.

Nas relações interpessoais em sala de aula o professor declara que possui alunos e alunas que gostam de dançar. Outros alunos por não saber ou não gostar de dançar ficam soltando piadas para esses meninos que gostam de dançar, afirmando que a dança só deve ser praticada por meninas.

Diante desse fato o professor explica, discute tal situação levando os (as) alunos (as) a compreenderem que determinadas atividades ambos os sexos poderão executar.

Nesta questão tivemos a finalidade de sondar dos professores (as) sobre as características dos alunos e alunas no tocante a várias categorias: comportamento, participação, atitudes, modos, costumes desenvolvidos no interior da sala de aula como na escola como um todo.

Diante das informações coletados, via questionamentos feitos aos docentes, pudemos registrar conhecimentos sobre os comportamentos, características e perfis dos alunos (as) referentes ao gênero diante das relações que são permeadas na vida cotidiana em geral, em especial no ambiente escolar.

Assim, trazemos duas tabelas abaixo com essas informações frente aos aspectos atribuídos aos alunos e alunas pelos os professores (as) alvo da pesquisa.

DEFINIÇÃO DOS PROFESSORES (AS)



SOBRE SEUS ALUNOS E ALUNOS	
ALUNAS SÃO	ALUNOS SÃO
CRIATIVAS	ESPERTOS
ATUANTES	RÁPIDOS
SENSÍVEIS	ALGUNS PARTICIPANTES
AMOROSAS	ALGUNS TÍMIDOS
EDUCADAS	AGITADOS
CONVERSADEIRAS	DESEORGANIZADOS
ALGUMAS TÍMIDAS	ALGUNS TÍMIDOS
ORGANIZADAS	ALGUNS AMOROSOS

Os (as) professores (as) fizeram várias observações sobre gênero relacionadas ao comportamento dos (as) alunos (as). Diante das definições dos docentes os alunos foram chamados de espertos, rápidos, participantes, tímidos, agitados, desorganizados, relaxados e amorosos. Já as alunas criativas, atuantes, sensíveis, amorosas educadas, conversadeiras, tímidas e organizadas. Essas características vão ao encontro da pesquisa de Silva e Cols (1999), em que as meninas tiveram vantagens na escolarização, principalmente nas primeiras séries do Ensino Fundamental, por apresentarem comportamentos valorizados pelas professoras, como ser boazinhas e comportadas.

Carvalho (2001) lembra que, apesar das características tidas como masculinas serem mais valorizadas pelas professoras, como a criticidade e a não-passividade, existe

um limite em que elas podem ser exercidas, ou seja, quando essas características são percebidas como inadequadas os alunos são tachados de relaxados e desinteressados.

Assim, percebe-se que as características entre alunos e alunas em alguns momentos se assemelham e diferem em função de gênero, enquanto para outras as diferenças são plausíveis, embora esta ideia, no cotidiano, não se sustenta, pois existe uma flexibilidade nos padrões dos alunos (as) frente aos seus comportamentos e rendimentos devido a motivações individuais ou a influências do contexto e não especificamente ao gênero que pertencem.

Analisando essas características percebem-se semelhanças e diferenças entre alunos e alunas. Assim, com esta diversidade os professores entrevistados comprovam que as características dos seus alunos (as) são tantas. E elas direcionam para a condução da prática pedagógica que ora é desenvolvida na sala de aula.

Através dos resultados da pesquisa percebemos que as relações de gênero se encaixam nos discursos dos docentes no tocante quando as questões vivenciadas pelos seus alunos e alunas sinalizam para a existência dessas questões, pois essa categoria perpassa as concepções, atitudes e práticas referentes ao sexo.



No referido quadro as atividades preferidas pelos os alunos e alunas na escola tivemos os seguintes resultados:

ATIVIDADES PREFERIDAS NA ESCOLA	
ALUNAS	ALUNOS
PINTAR	DESNHAR
DESENHAR	HIP HOP
CONVERSAR	JOGAR BOLAR
DANÇAR	CONVERSAR
ESCREVER CARTINHA	CORRER
CANTAR	BRIGAR
LER	LER

Com base os dados coletados sobre as atividades preferidas pelos alunos e alunas na escola exposto na tabela acima percebemos uma diversidade de ações que são perpassadas entre os dois gêneros. As alunas preferem: pintar, desenhar, conversar, dançar, escrever cartinha, cantar e ler. Já os alunos preferem: desenhar, hip hop, jogar bola, conversar, correr, brigar e ler. Percebe-se que algumas atividades são comuns outras não.

Portanto, podemos observar que essas instâncias, relações de gênero e sexualidade, emergem de nosso cotidiano, inclusive, na escola. Nesse contexto, pensamos que as concepções que os professores possuem sobre relações de gênero e, conseqüentemente, sexualidade fazem parte das relações pedagógicas, ou seja, da forma como

conduzem esses assuntos e também como se posicionam sobre esses temas.

Assim, utilizando-se de Louro (2003, p. 106) concordamos com a ideia de que “[...] as formas adequadas de fazer, de meninos e meninas, homens e mulheres ajustados/as aos padrões das comunidades pressupõem uma tenção redobradas sobre aqueles e aquelas que serão seus formadores e formadoras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente a educação que é ofertada nas escolas enfrentam várias problemáticas que acabam afetando o seu funcionamento em especial a dinâmica da sala de aula.

Neste sentido, este artigo abordou a categoria de gênero frente às relações de gênero e suas implicações no processo ensino e aprendizagem que, por sua relevância, se fez e se faz necessária à sua discussão na escola, pois conhecimentos desta natureza nos oportunizam a conhecer certos problemas que afetam o processo de ensino e aprendizagem.

Então, encontramos nesta pesquisa informações, dados que possibilitou aos docentes a repensar suas práticas frente ao gênero, no nosso caso, o “ser aluno” e o “ser aluna” referentes aos elementos que eles (elas) possuem que podem interferir ou contribuir na sua aprendizagem. Sabemos que este estudo não esgota aqui. Logo, abre



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

caminhos para outras investigações que certamente contribuirá com o campo dos estudos de gênero ampliando esses conhecimentos que aqui foi alvo de estudo.

Portanto, os discursos dos docentes nesta pesquisa trouxeram evidências das questões reguladoras e normatizadoras que a nossa sociedade impõe como padrão. Assim, a escola como um espaço para desconstruções destas questões, percebe-se um grande desafio para o ajustamento da teoria e a prática no ambiente escolar. Dessa forma a escola via o seu projeto político pedagógico precisa cada vez mais debater, discutir, analisar, aprofundar as temáticas de gênero no interior das escolas, em especial o nosso foco das relações de gênero para que possamos vislumbrar práticas pedagógicas que estejam a serviço de um desenvolvimento de um ensino eficaz que contemple nas suas trajetórias aprendizagens significativas em que homem, mulheres, meninos e meninas, alunos e alunas possam se sentir sujeitos do processo de forma que suas singularidades, características sejam sempre respeitadas.

Enfim, a instituição escola é por excelência um essencial canal para a disseminação de estudos, debates sobre as relações de gênero no sentido de promover momentos de formação, de leitura e discussão, originando mecanismos fundamentais para que possamos efetivar nas

nossas práticas educativas a oportunidade de ter a igualdade entre alunos e alunas no tocante as suas diferenças e semelhantes dentro do contexto da diversidade que são apresentadas por estes atores sociais no dia a dia do cotidiano escolar, em especial na aplicabilidade do processo ensino e aprendizagem.

Então, para que tenhamos esta prática com mais frequência na escola, precisamos contribuir para a realização “à medida que caminhar na direção de uma educação não-sexista, que contribua para a superação de preconceitos e para a construção de pessoas comprometidas com a igualdade de direitos entre os sexos” (Carvalho, 1999, p. 21).

Assim, atribuo uma positividade neste trabalho que ora ao realizar conseguimos colher informações relevantes capazes de mapear as concepções dos professores (as) frente as suas concepções das relações gênero e suas implicações no processo ensino e aprendizagem.

Acreditamos que este estudo suscitarão outros encaminhamentos de pesquisa que possa está contribuindo com esta área de estudo de suma importância para nossa vida, em especial para o trabalho que é realizado nas escolas. Logo, esta pesquisa trouxe uma grande de contribuição o campo da categoria de gênero produzindo novos conhecimentos para que possamos, enquanto



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

professores da educação básica, entender os problemas que venham a interferir no processo ensino e aprendizagem.

Enfim, quando a escola perceber que cada ator social em especial seus discentes são dotados de uma diversidade nos seus comportamentos conseguiremos conduzir nossas práticas pedagógicas de uma maneira que os entraves tangentes ao gênero não sejam obstáculos para o desenvolvimento de suas aprendizagens.

REFERÊNCIAS

AVILA, André H.; TONELI, Maria Juracy F.; ANDALÓ Carmen S. de. A. Professores diante da sexualidade-gênero no cotidiano escolar. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 16, n. 2, p. 289-298, abr./jun. 2011.

BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

AUAD, Daniela. **Educar meninas e meninos**: relações de gênero na escola. São Paulo: Contexto, 2006. CARVALHO, Marília Pinto de. Um olhar de gênero sobre as políticas educacionais. In: FARIA, Nalu; NOBRE, Miriam; AUAD, Daniela; CARVALHO, Marília (Orgs.). **Gênero e educação**. São Paulo: SOF, 1999.

CARVALHO, Marília Pinto de. A História de Alda: ensino, classe, raça e gênero. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 89-106, jan./jun. 1999.

Carvalho, M. P. **Mau aluno, boa aluna?** Como as professoras avaliam meninos e meninas. *Estudos Feministas*, Florianópolis, vol. 9, n. 2, 2001.

CONNEL, R. W. **Políticas da masculinidade**. Educação & Realidade, Porto Alegre, 20 (2), jul./dez. 1995.

COSTA, Ana Paula; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. Ser professora, ser mulher: um estudo sobre concepções de gênero e sexualidade para um grupo de alunas de pedagogia. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 475-489, mai./ago. 2011.

DINIS, Nilson Fernandes. Educação, Relação de Gênero e Diversidade Sexual. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 29, n. 103, p. 477-492, maio/ago. 2008.

QUIRINO, Glauberto; ROCHA, João Batista T. da. Sexualidade e Educação Sexual na percepção docente. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 43, p. 205-224, jan./mar. 2012. Editora UFPR.

GOELLNER, S. (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade** – um debate contemporâneo sobre educação. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

LOURO, G. **Gênero, História e Educação**: construção e desconstrução. Educação e Realidade . Vol. 20 (2), jul/dez. 1995.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista. 16. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SCOOT, Joan. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. Educação e realidade. Porto Alegre, v. 2, n. 16, 1990.

Silva, C. D.; Barros, F.; Halpern, S.; Silva, L. A. D. Meninas bem comportadas, boas alunas; meninos inteligentes, indisciplinados. *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, n. 107, 1999.



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES



www.generoesexualidade.com.br

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br